

O DISCURSO INTELECTUAL E A CRIAÇÃO DO HERÓI: TIRADENTES ENTRE JOAQUIM NORBERTO DE SOUZA SILVA E LÚCIO JOSÉ DOS SANTOS

LUCIANA COELHO GAMA*

RESUMO: A presente pesquisa apresenta uma breve análise sobre dois diferentes e controversos discursos historiográficos a respeito do alferes Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes. Pretendemos, através de pesquisa bibliográfica, investigar as divergências ideológicas entre os intelectuais Joaquim Norberto de Souza Silva, autor monarquista, e Lúcio José dos Santos, republicano. Desta forma, analisaremos a interferência do contexto histórico e das concepções políticas na construção da imagem de Tiradentes como mito e herói nacional.

Palavras-chave: Tiradentes. Monarquia. República. Intelectual. Discurso.

Tema exaustivamente debatido pela historiografia, o movimento separatista Inconfidência Mineira ainda hoje suscita debates e polêmicas. Ocorrido no Brasil colonial, em finais do século XVIII, os objetivos de seus participantes e o papel de cada um deles na conspiração contra a coroa portuguesa são alvos de controvérsias desde os primeiros estudos sobre o assunto, já em princípios do século XIX¹. O alferes Joaquim José da Silva Xavier, alcunhado Tiradentes, único inconfidente condenado à morte, tornou-se por seu destino protagonista do levante e principal alvo das especulações. Em torno de sua memória orbitam dúvidas sobre suas ideias, seu papel entre os conjurados, sua vida profissional, seus objetivos ao se rebelar contra o governo de Portugal, seu comportamento diante da sentença de morte, sua personalidade, vida pessoal e familiar e mesmo sobre sua aparência física.

Como nos demonstra João Pinto Furtado, intelectuais atuantes no período imperial apropriaram-se do assunto, identificando a Inconfidência como episódio fundador do sentimento nacionalista brasileiro:

Já na primeira metade do século XIX, nos anos 20 e 30, podemos perceber, por parte das elites intelectuais, a apropriação e a exaltação da Inconfidência Mineira como uma tentativa de libertação nacional, como se tivesse se constituído em um “pré-grito do Ipiranga”, que teria ecoado distante ainda em 1822 e servido de

* Mestranda em História pelo Programa de Pós Graduação em História (PPGHIS) da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).

¹ A primeira referência intelectual ao levante mineiro foi a obra *História do Brasil*, do inglês Roberth Southey, em 1810 (CARVALHO, 1990: 59).



inspiração a d. Pedro I, neto da rainha que havia condenado seus protagonistas. Assim também, por volta dos anos 40 e 50 do século XIX, são valorizados, por alguns grupos políticos, o ideário e a doutrina liberais, supostamente presentes na

conjura e inspiradores de vários dos tumultos que animavam parte das elites do Império. (FURTADO, 2002: 32)

Entre estes letrados atuantes no XIX havia defensores de diversas correntes políticas, com forte destaque para os embates entre monarquistas e republicanos. O levante de Minas Gerais era alvo de variadas interpretações, principalmente em relação ao seu caráter republicano e a figura de Tiradentes, interpretada e construída de formas variadas pelos intelectuais, que tinham seus discursos influenciados de forma direta pelo contexto político que defendiam.

Segundo Jean-François Sirinelli, diferentes acepções já foram atribuídas à palavra intelectual, por ser um conceito de caráter polissêmico. Mesmo sendo um termo de significado impreciso, o autor assinala que:

É preciso, a nosso ver, defender uma definição de geometria variável, mas baseada em invariantes. Estas podem desembocar em duas acepções do intelectual, uma ampla e sociocultural englobando os criadores e os “mediadores” culturais, e a outra mais estreita, baseada na noção de engajamento. No primeiro caso estão abrangidos tanto o jornalista como o escritor, o professor secundário como o erudito. Nos degraus que levam a esse primeiro conjunto postam-se uma parte dos estudantes, criadores ou “mediadores” em potencial, e ainda outras categorias de “receptores” da cultura. (SIRINELLI, 2003: 242).

Ao compreendermos os intelectuais como agentes criadores de cultura, sabemos que as ideias dos mesmos são também produtos dos meios socioculturais em que se encontram e convivem:

Todo grupo de intelectuais organiza-se também em torno de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades mais difusas, mas igualmente dominantes, que fundam uma vontade e um gosto de conviver. São estruturas de sociabilidade difíceis de apreender, mas que o historiador não pode ignorar ou subestimar. (SIRINELLI, 2003: 248)

As estruturas de sociabilidade dos intelectuais englobam suas relações interpessoais, sua formação e seus ideais. Nelas “se interpenetram o afetivo e o ideológico” (SIRINELLI, 2003: 252). Desta forma, analisaremos as várias faces da Inconfidência Mineira e de seu mais famoso participante a partir dos discursos de Joaquim Norberto de Souza Silva e Lúcio José dos Santos, intelectuais do século XIX e XX, entendendo a influência dos mesmos na cultura e no imaginário popular sobre o tema. O debate dos intelectuais é de fundamental importância para o entendimento das diferentes visões sobre o assunto, sobretudo se compreendermos que os mesmos produziram seus estudos a partir dos contextos sociais em que estavam inseridos e do posicionamento político em que estavam engajados.

Sabe-se que o discurso historiográfico reflete o momento histórico em que está inserido, bem como o posicionamento ideológico do autor que o produz. De acordo com Michel Foucault: “por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder” (FOUCAULT, 2012: 11).² Nenhuma forma de discurso, portanto, está livre de intenções, deturpações e mesmo dissimulações, inclusive o histórico. O que subsistirá nele, como em qualquer outro, são as relações de desejo e poder. Em sentido amplo a esta característica fundamental da discursividade, tanto o discurso monárquico quanto o republicano valeram-se da pessoa histórica de Tiradentes para constituir uma imagem, uma interpretação seja ela positiva ou negativa, presente em vários documentos e obras. Entre os muitos discursos sobre o alferes, procuraremos nos deter mais atentamente aos de dois historiadores que serão apresentados a partir de agora: Joaquim Norberto de Souza Silva, cuja obra data da segunda metade do século XIX, e Lúcio José dos Santos, que escreveu sobre o tema já na década de 1920. A escolha desses autores se deve ao fato de suas obras serem “matrizes formadoras do pensamento contemporâneo sobre o tema” (FURTADO, 2002: 49). Outros autores poderiam ter sido escolhidos, porém consideramos os estudos realizados por Norberto e Santos emblemáticos, visto que representam claramente o antagonismo entre as versões monarquista e republicana a respeito da Inconfidência Mineira e da participação de Tiradentes na trama.

JOAQUIM NORBERTO DE SOUZA SILVA

Nascido em 6 de junho de 1820 no Rio de Janeiro, Joaquim Norberto de Souza e Silva destacou-se como historiador e literato no Brasil Imperial, tendo fortes ligações com o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) durante o reinado de D. Pedro II. “Foi um trabalhador intelectual eclético e prolífico” (SOUZA, 2008: 11), produzindo tanto ficção quanto pesquisas historiográficas, sendo *História da Conjuração Mineira* sua obra de maior destaque. Este estudo foi produzido no momento em que Norberto era integrante do IHGB, e ainda hoje trata-se de fonte fundamental para aqueles que desejam pesquisar sobre a Inconfidência Mineira e seus personagens.

Joaquim Norberto de Souza Silva exerceu diversas funções no IHGB, até alcançar a presidência da instituição em 1886 (MOREIRA, 2003) Em 1859, passa a desempenhar o

² A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970.

cargo de Chefe do Arquivo da Secretaria de Estado dos Negócios do Império, através de nomeação (SOARES, 2002: 65). Neste período, o estudioso

*[...] anuncia ao Instituto Histórico que descobrira documentos no arquivo da instituição. A descoberta e a preocupação com seu relato ratificam o interesse do pesquisador pelo material referente à memória cultural do Brasil. A partir daí, Joaquim Norberto define a direção de suas duas linhas de estudo preferenciais: de um lado, a busca, o registro e a interpretação de fatos da história do Brasil; de outro, a pesquisa, a escrita e a proposição da história da literatura do Brasil. Sobre a história do Brasil, Joaquim Norberto escreve estudos panorâmicos sobre os fatos históricos, disserta sobre episódios específicos, como a conjuração mineira que, mais tarde, resultaria no livro *História da Conjuração Mineira*[...] (MOREIRA, 2003).*

Entre os documentos encontrados por Norberto, estavam “a preciosíssima coleção de documentos originaes das duas devassas que se procederam nas capitães das capitãncias de Minas Geraes e Rio de Janeiro” (SILVA, 1873: XV). Entusiasmado com a descoberta, inicia suas pesquisas e, em 1873, publica o estudo mais completo sobre a Inconfidência Mineira realizado até então. O historiador segue as recomendações do IHGB, que tinha por propósito “pensar o Brasil segundo os postulados próprios de uma História comprometida com o desvendamento do processo de gênese da Nação” (GUIMARÃES, 1988: 6), e baseia seus estudos históricos em rígida pesquisa documental, como era exigido. Sua pesquisa sobre o levante mineiro foi a primeira a tomar como base documental não somente a sentença, mas o processo como um todo (SOARES, 2002, p. 146), além de outras fontes, como a *Memória do êxito que teve a Conjuração de Minas e dos fatos relativos a ela acontecidos nesta cidade do Rio de Janeiro desde dia 17 até 26 de abril de 1792*, de autor desconhecido, e *Os últimos momentos dos inconfidentes de 1789 pelo frade que os assistiu de confissão*, do frade Raimundo Penaforte.³

Apesar de estar fortemente ligado à monarquia por ser membro do IHGB, o autor considerará sua descrição e análise dos fatos isentas de qualquer tipo de influência, e portanto “neutras”, pretensão recorrente entre os historiadores de seu tempo. O autor trabalha por dez anos nas pesquisas, até que, com o advento do movimento republicano em 1870, apressa a publicação de seus escritos. O autor preocupa-se com a apropriação da imagem de Tiradentes pelos republicanos, já evidente em 1872, “quando foi proposta a construção de um monumento a Tiradentes no Rio de Janeiro. Norberto declarou-se contrário à ideia, por considerar a figura de Tiradentes secundária” (CARVALHO, 1990: 62). O monarquista

³ Norberto obteve algumas fontes sobre a Inconfidência nos arquivos do próprio IHGB. Contou também com a ajuda de Cunha Mattos, filho do fundador do instituto, e do Conselheiro H. de Beaurepaire Rohan, que lhe forneceram variados manuscritos (SILVA, 1873: XVI).

publica então sua obra o mais rápido possível, já no ano seguinte. O autor era declaradamente contra a heroicização do inconfidente, e procura com seu estudo desmistificar a construção da imagem idealizada de mártir cristão e patriótico, que já vinha sido atribuída ao alferes. Norberto chega mesmo a denegrir a figura de Tiradentes, inclusive no que diz respeito a seus aspectos físicos e psicológicos. Segundo o autor:

Era elle de estatura alta, de espaldas bem desenvolvidas, como os natuaraes da capitania de Minas Geraes. A sua physionomia nada tinha de symphatica e antes se tornava notavel pelo quer que fosse de repelente, devido em grande parte ao seu olhar espantado. Possuia, porem, o dom da palavra e expressava-se as mais das vezes com enthusiasmo; mas sem elegancia nem attractivo, resultado de sua educação pouco esmerada; ouvindo-o porem na rudeza de sua conversação, gostava-se da sua franqueza selvagem, algumas vezes por de mais brusca e que quasi degenerava em leviandade, de sorte que uns lhe davam o característico de heroe e outros o de doido. Tornava-se assim o objecto de publico gracejo, provocando o riso, e não poucas vezes as vaias e apupadas do vulgo. (SILVA, 1873: 74)

A descrição apresentada procura construir um homem de aspecto desprezível e aparência física desagradável. O dom da palavra é reconhecido pelo autor como uma das qualidades do alferes, porém este não soube aproveitá-lo da melhor forma, agindo por vezes de forma leviana e pouco elegante em seus discursos. Estas características provavelmente impediram Tiradentes de obter êxito em seus empreendimentos, fracassando como mascate e minerador, e sendo um militar de pouca expressão, que não atingiu as glórias almejadas por sua ambição. Na interpretação do autor:

Vieram depois os annos e com os annos as decepções, e com ellas o desanimo, e em seguida o arrependimento e por fim o desejo de arrepiar caminho. Lembrado sempre para as mais arriscadas diligencias. pela sua bravura, que tinha o quer que fosse de fanfarronice; exacto por jactância no cumprimento de seus deveres, era contudo esquecido em todas as promoções que se faziam em seu regimento. Condemnado a ficar estacionário no posto de alferes, attingira a idade de trinta e nove annos preterido pelos seus inferiores, que lhe tomavam a dianteira e subiam em postos, tornando-se-lhe superiores.

Doía-se da injustiça, queixava-se com azedume do ressentimento, e assim ia ganhando a desaffeição de seus camaradas. (SILVA, 1873: 72)

Nota-se que o discurso de Joaquim Norberto retrata Tiradentes como um homem fracassado profissionalmente, e de personalidade pretenciosa, porém frustrada e ressentida. Tiradentes não era um homem mal, porém sua bondade pouco lhe serviu, não tinha estudo suficiente e não soube controlar os impulsos negativos de seu ego presunçoso e vaidoso. Era um homem intenso e apaixonado, foi forte defensor dos ideais de liberdade ao participar da Inconfidência, principalmente por sentir-se decepcionado com seus insucessos profissionais e empolgar-se com as ideias libertárias trazidas da Europa pelo doutor Álvares Maciel (SILVA,

1873: 77-78). Por sua loquacidade, Tiradentes tornou-se divulgador do levante mineiro, porém “com as suas leviandades mais deitava a perder a causa do que servia ao partido a que se ligára” (SILVA, 1873: 141-142).

Apesar de ser um personagem secundário na trama, pois não passava de um propagandista das ideias de revolta contra a coroa, Tiradentes já preso e após alguns interrogatórios tomou para si exclusivamente a liderança do levante:

Erguendo a cabeça de reo, que abaixára para não se trahir, reanimando-se com todo vigor, quiz attribuir se exclusivamente ás honras de chefe da conjuração! Poder-se-ia ver neste acto, que não deixa de ser heroico, uma tal ou qual leviandade de seu genio, mas andou tão bem n'elle que a ninguem procurou comprometter. (SILVA, 1873: 338)

Essa atitude demonstrava a bondade do alferes, que diminuía a culpa dos companheiros, no entanto era uma irresponsabilidade que o levou à forca. E no momento da morte, Tiradentes não agiu como revolucionário. Humilhou-se diante do carrasco, beijando-lhe as mãos e os pés (SILVA, 1873: 413). Tomou-se por ímpetos religiosos no momento da execução:

Morrera o Tiradentes, não como um grande patriota, com os olhos cravados no povo, tendo nos labios os sagrados nomes da patria e da liberdade, e n'alma o orgulho com que o homem politico encara a morte como um triumpho, convertendo a ignominia em apotheose, mas como um christão, preparado ha muito pelos sacerdotes com a coragem do contricto, e a convicção de ter offendido os direitos da realza, e quando muito consolado com a esperança da salvação eterna. (SILVA, 1873: 416)

Importante observar que, apesar de o autor expor uma imagem negativa de Tiradentes, o mesmo não acontece em relação aos demais participantes da Inconfidência. O jurista e poeta Cláudio Manoel da Costa, por exemplo, seria muito competente em suas funções, e querido pelo povo. Sua educação e cultura eram aprimoradas. [...] “era na verdade homem de conhecimentos superiores não só para o seu tempo como para o logar em que vivia.” (SILVA, 1873: 61). Já o desembargador Tomás Antônio Gonzaga gozava de boa reputação “não tanto pelos seus conhecimentos quanto pela sympathia que despertavam as suas maneiras delicadas e cavalheirescas, e a bondade de seu genio [...]” (SILVA, 1873: 63). Concluimos que, naquele momento, o personagem que não poderia ser vinculado a características positivas era Tiradentes. O compromisso de Souza Silva junto ao IHGB – fortemente ligado a Dom Pedro II- e a apropriação republicana da figura do alferes como mártir são cruciais para a compreensão do discurso adotado pelo autor. Outros personagens da Inconfidência não estavam em vias de se tornarem símbolos heroicos republicanos.

Conforme verificado nesta breve análise, certamente o discurso de Joaquim Norberto não estava isento das influências do poder político ao qual estava ligado. Suas pesquisas estavam permeadas pelo posicionamento ideológico monarquista. De acordo com José Murilo de Carvalho, a obra do monarquista tornou-se “ponto de referência obrigatório nos estudos da Inconfidência que vieram posteriormente” (CARVALHO, 1990: 62). De fato, tratava-se do estudo mais completo já realizado sobre o tema até o momento, revelando episódios documentados, retirados dos Autos da Devassa. Ainda segundo Carvalho, Norberto respondeu às críticas que o acusavam de produzir um discurso tendencioso utilizando justamente esta documentação como justificativa. Alegava que sua pesquisa foi baseada em documentos verdadeiros, e que, portanto, trazia em sua obra informações verídicas e livres de deturpações influenciadas por suas convicções pessoais.

LÚCIO JOSÉ DOS SANTOS

Considerando-se também livre de influências e capaz de produzir um discurso neutro, encontramos já após a república estabelecida, o educador, engenheiro, jurista e historiador mineiro Lúcio José dos Santos (1875-1944). Santos atuou como professor da Escola de Engenharia de Belo Horizonte e em 1924 foi nomeado Diretor de Instrução Pública do Estado de Minas Gerais, cargo hoje equivalente ao de Secretário Estadual de Educação (OLIVEIRA, 1975). Em 1931, foi designado reitor da UMG (Universidade de Minas Gerais), cargo que ocupou por dois anos. Santos destacava-se em Minas Gerais como intelectual do laicato católico (CALDEIRA, 2011), e foi incumbido, ainda em 1911 (TEODORO, 2014: 45) da tarefa de produzir um estudo sobre Tiradentes e a Inconfidência Mineira, que deveria estar pronto em 1922, ano de comemoração do centenário da Independência do Brasil. O estudo foi solicitado pela comissão organizadora do Congresso Internacional de História da América, convocado pelo IHGB, e seria a sétima tese da primeira seção das comemorações no Instituto (SANTOS, 1927: prefácio). O trabalho de fato foi apresentado em 1922, e sua primeira edição foi publicada em livro no ano de 1927.

Santos consultou os Autos da Devassa no Arquivo Público e na Biblioteca Nacional, procurando assim as fontes primárias para suas anotações e análises (Santos, 1927: prefácio). Mas além dos documentos originais, o autor fez uso de outras obras, com destaque para a já citada *História da Conjuração Mineira*, de Joaquim Norberto de Souza Silva, estudo que tornou-se clássico e basilar para as pesquisas posteriores. Apesar de respeitar o trabalho do

monarquista, Santos não concorda com sua versão dos fatos, sobretudo em se tratando da participação de Tiradentes no levante. A obra é construída de forma a contrapor o discurso de Norberto, que conforme já mencionamos, tendia a diminuir a importância do alferes e considera-lo um personagem medíocre, versão refutada por críticos diversos, sobretudo os ligados ao movimento republicano.

Lúcio dos Santos, ao contrário de Norberto, realiza seus estudos com a república implantada e consolidada. Sua pesquisa também é feita com o aval do IHGB, responsável por convocar a comissão que encomendou a obra, porém em configuração política totalmente diferente à do antecessor. O Instituto nesse período já havia se adaptado ao novo poder vigente⁴, e nas comemorações do centenário da Independência tornava-se necessária uma obra historiográfica que resgatasse a imagem de Tiradentes. Apesar das várias representações de Tiradentes como mártir heroico existentes, não havia um estudo histórico completo, feito por um brasileiro, que corroborasse tal tese.

Lúcio dos Santos afirma que inicialmente pretendia escrever uma história geral da Inconfidência Mineira, porém ao deparar-se com o grande número de relatos sobre o assunto, sentiu-se compelido a escrever sobre o papel de Tiradentes no levante, procurando expor o que chama de verdades históricas. Segundo o autor:

Deste estudo paciente e desprevenido me veio a certeza de que muitos enganos correm por aí, a respeito da Inconfidência, amparados pelos melhores escritores que do assunto têm tratado. Muitos destes enganos provêm de leitura imperfeita do processo, da ignorância de determinadas circunstâncias, de interpretações tendenciosas ou mesmo de falta de senso crítico (1927, Prefácio).

Nota-se já nesta fala a aspiração de Santos em desconstruir o discurso monarquista sobre Tiradentes, pois os estudos anteriores ao seu trabalho teriam feito considerações erradas sobre o movimento separatista mineiro e seu participante mais famoso. O intelectual atribui estes erros à ignorância dos fatos ou mesmo às preferências pessoais dos autores, que não saberiam examinar os documentos com a devida isenção. Observamos no discurso de Lúcio

⁴ Sabe-se que num primeiro momento os membros do IHGB não aceitaram a queda de D. Pedro II. “Amparados pelo estatuto científico da Instituição – isolados, portanto, dos movimentos políticos do país –, seus membros recusam a proposta do barão Homem de Mello para se nomear uma comissão a fim de saudar o governo provisório. Essa situação não iria durar muito: era necessário que o Instituto se alinhasse aos novos tempos – inclusive porque dependia de subvenção oficial. Em 1891, Deodoro da Fonseca – irmão do 1º secretário João Severiano da Fonseca – torna-se presidente honorário do Instituto, praxe seguida em relação aos próximos governantes” (CALLARI, 2001). Apesar de ainda exaltarem o antigo imperador, os trabalhos do instituto precisariam também ser condicionados à nova ordem política, e nesse contexto as leituras sobre a Inconfidência Mineira e seu caráter republicano mudaram de interpretação: o movimento deixa de ser visto como uma ameaça à ordem e unidade nacional, e passa a ter ser caráter libertário enaltecido.

dos Santos que ele, assim como seu antecessor Joaquim Norberto, pretendia transformar sua versão sobre o levante em verdade histórica. Há, no entanto, substanciais contradições entre os Tiradentes criados pelas narrativas dos dois autores.

Em sua obra, Lucio José dos Santos constrói Tiradentes como uma figura agradável e simpática, numa visível oposição ao discurso de Joaquim Norberto. Segundo o autor, a imagem de Tiradentes “feito e espantado” surgiu devido a uma declaração de Alvarenga Peixoto nos autos da devassa, e que posteriormente foi apropriada por Souza Silva para denegrir o alferes (SANTOS, 1927: 125). Santos salienta ainda as várias áreas de trabalho em que Tiradentes atuou, afirmando que os fracassos obtidos não se deram por incompetência, mas antes por má sorte. Um exemplo seria a falta de recursos financeiros e de escravos, que impediam o alferes de prosperar na mineração. O historiador dá destaque também ao projeto de captação de águas para abastecimento do Rio de Janeiro, que foi rejeitado e considerado insano pelo Vice-Rei Luís de Vasconcelos, mas foi realizado de fato anos depois, afirmando assim que Tiradentes não foi um insano, mas antes um visionário incompreendido (SANTOS, 1927: 133).

Santos defende o pioneirismo de Tiradentes também em relação ao seu papel no levante mineiro. Para o autor, o alferes fazia parte do núcleo em que surgiu a ideia de conspiração contra o governo português, sendo o primeiro a articular a revolta. Além de lançar a ideia, o alferes teria abraçado a liderança da causa. Diz-nos o autor:

Feita esta primeira constatação, firmamos uma verdade, isto é, que no grupo mais decidido, núcleo da conjuração constituído por Tiradentes, Francisco de Paula, Maciel, Alvarenga, Padre Carlos, Padre Rollin, Francisco Antonio, Luiz Vaz e Domingos de Abreu, especialmente pelos seis primeiros, a prioridade da ideia coube a Tiradentes. Sem o prestígio que a alguns dos conjurados emprestava a glória literária, a outros a riqueza, a outros a posição social, Tiradentes ergue-se no meio de todos como chefe incontestável, não somente por ser o iniciador audaz, mas também pelo devotamento com que se entregou a essa nobre causa, devotamento tão grande que se tem podido parecer a muitos como atingindo as raias da loucura. [...] Condenado, foi ele pelos próprios juízes consagrado chefe da conjuração, como o paladino audaz e perigoso, cuja pena não pode ser de forma alguma atenuada. Executado, portou-se ele com serenidade, com uma coragem, com um desprezo da vida, muito raramente observados na História da humanidade. (SANTOS, 1927: 563-564).

A análise deste trecho, onde Lúcio José dos Santos examina sob sua ótica o papel de Tiradentes na Inconfidência, nos demonstra claramente o posicionamento do autor, alinhado ao discurso do poder republicano. Tiradentes não foi apenas um participante da conspiração mineira, ele foi seu idealista e líder. O governo português o condenou à morte justamente por ser o comandante e porta-voz do movimento, por isso era fundamental que sua execução servisse de exemplo contra novas revoltas, amedrontando a população.

As características antes destacadas como negativas por Joaquim Norberto, aqui são revistas e contestadas. O inconfidente não era louco nem leviano, os que assim o interpretaram fizeram por não compreender seu espírito empreendedor, libertário e visionário, sendo tendenciosos. “Bazófia, prova de fraqueza de juízo: afirma J. Norberto. Como é possível julgar assim, sem estar possuído da mais radicada e invencível parcialidade?” (SANTOS, 1927: 567). O alferes defendia seus anseios com fervor, era ousado e convicto de suas causas. Se muito falava, era pelo desejo de propagandear e difundir o movimento, ansioso por obter êxito em seu sonho libertador.

Percebemos a intensão de Santos em desconstruir o discurso de Norberto. Ele constata e critica em vários momentos a influência monarquista sobre a obra do autor. Porém o próprio Santos não admite sofrer influências políticas, e classifica sua obra como justa. Considera ter mantido a distância necessária para analisar os fatos imparcialmente, não sendo influenciado por ideais republicanos, e menos ainda monarquistas. “Pela minha parte, igualmente distante de tais extremos, pude evitar estas injustiças opostas” (SANTOS, 1927: 30). Entretanto, evidentemente a construção discursiva do autor cria um Tiradentes nobre, inteligente, visionário, realista, de espírito elevado, enfim, um inquestionável herói martirizado. Ainda que se considere imparcial em comparação a Joaquim Norberto, o discurso de Santos está em sintonia com os interesses republicanos, que a esta altura já alçavam Tiradentes ao posto de herói da nação brasileira.

Concluimos que a obra de Lúcio José dos Santos trata-se de uma “resposta” à obra de Joaquim Norberto de Souza e Silva. Santos preocupa-se em opor seu discurso ao de Silva, principalmente no que diz respeito a Tiradentes. Sua obra é fruto do contexto social e político em que estava inserido, bem como dos ideais em que acreditava. Além disso, reforçamos que *A Inconfidência Mineira* trata-se de trabalho realizado sob encomenda para as comemorações do centenário da Independência do Brasil, num momento de consolidação do civismo e do projeto republicano no país.

CONCLUSÃO

“As organizações discursivas e as categorias que as fundam – sistemas de classificação, critérios de recorte, modos de representações – não são redutíveis às ideias que elas enunciam ou aos temas que sustentam.” (CHARTIER, 2002: 77). Partindo desse pressuposto, compreendemos que um texto, sobretudo uma obra historiográfica, nunca se

encerra em si mesmo. Os escritos trazem consigo as dimensões contextuais em que foram produzidos, e os lugares de fala de seus autores. Conforme Certeau:

Toda pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção socioeconômico, político e cultural. Implica um meio de elaboração que circunscrito por determinações próprias: uma profissão liberal, um posto de observação ou de ensino, uma categoria de letrados, etc. Ela está, pois, submetida a imposições, ligada a privilégios, enraizada em uma particularidade. É em função deste lugar que se instauram os métodos, que se delineia uma topografia de interesses, que os documentos e as questões, que lhes serão propostas, se organizam (CERTEAU, 1982: 66).

As narrativas e imagens analisadas aqui demonstram o contraste de interpretações e enfoques discursivos acerca de Tiradentes e seu papel na malograda conspiração mineira. Cada representação foi forjada com base num conjunto de circunstâncias externas significativas, que influenciaram sua produção. As condições em que os textos foram escritos dizem muito sobre seu conteúdo. Embora pesquisem a mesma documentação, os intelectuais lançaram olhares particulares sobre Tiradentes, criando, com base na sentença, nos depoimentos dos inquiridos do crime de inconfidência e na própria tradição, as dimensões sociais, culturais e psicológicas em que o alferes estava inserido, bem como sua aparência física e seu papel no levante, que varia entre o de mero propagandista ao de precursor e idealizador da causa. O exame detalhado dos estudos de Norberto e Santos demonstra como, dentro de seus contextos, os autores produziram versões diferentes e até antagônicas para um mesmo evento histórico e seu personagem principal.

Dentro desta perspectiva, estes intelectuais descreveram não propriamente a Inconfidência Mineira e Tiradentes, mas suas percepções sobre os mesmos, construindo sentidos que são transformados em discursos, meio pelo qual o fato histórico pode ser apreendido e representado. A representação mais difundida de Tiradentes certamente é a republicana, que tingiu o alferes com tinturas heroicas e míticas e ainda hoje é reproduzida pelo poder político, instituições de ensino e pela mídia em geral.

BIBLIOGRAFIA

CALDEIRA, Rodrigo Coppe. *O catolicismo militante em Minas Gerais: aspectos do pensamento histórico-teológico de João Camillo de Oliveira Torres*. In: Revista Brasileira de História das Religiões. Anpuh, ano IV, núm. 10, 2011, pp. 233-278

CALLARI, Cláudia Regina. *Os Institutos Históricos: do Patronato de D. Pedro II à construção de Tiradentes*. São Paulo: Revista Brasileira de História, vol. 21, núm. 40, 2001.

Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882001000100004>, acesso em 19/03/2015.

CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. *À beira da falésia – a História entre certezas e inquietude*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso: aula inaugural no College de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. São Paulo: Ed. Loyola, 2012.

FURTADO, João Pinto. *O manto de Penélope; História, mito e memória da Inconfidência Mineira de 1788-9*. (1ª ed.) São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. *Nação e civilização nos trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional*. In: Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro, n. 1. p. 5-27, 1988.

MOREIRA, Maria Eunice. *Um rato de arquivo: Joaquim Norberto de Sousa Silva e a história da literatura brasileira*. In: Histórias da literatura: teorias, temas e autores. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003.

OLIVEIRA, José Lourenço de. *O educador Lúcio dos Santos*. In: Ao correr do tempo 1: Ensaios, Discursos e Palestras. Disponível em: <<http://www.letas.ufmg.br/lourenco/banco/EH09.html>>, acesso em 18/03/2015.

SIRINELLI, Jean-François. *Os intelectuais*. In: REMOND, René (org). Por uma História política (2ª ed.). Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2003, p. 231-269.

SOARES, Sônia Regina Pinto. *Joaquim Norberto de Souza Silva: historiador. Um olhar sobre Minas Gerais colonial*. Dissertação de mestrado em História. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2002.

SOUZA, Roberto Acízelo de. *Joaquim Norberto e sua contribuição à edição de textos e à crítica literária*. In: Revista de Letras. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 2008. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/letras/article/view/930>. Acesso em 18/01/2015>.

TEODORO, Miguel Aparecido. *O enigma de Tiradentes*, 2ª. ed. São Paulo: AgBook, 2014.

FONTES:

SANTOS, Lúcio José dos. *A Inconfidência Mineira – papel de Tiradentes na Inconfidência Mineira*. São Paulo: Escolas Profissionais do Lyceu Coração de Jesus, 1927.

SILVA, Joaquim Norberto de Souza. *História da Conjuração Mineira*. Rio de Janeiro: Livraria de B.L Garnier, 1873. Disponível em <www.brasiliana.usp.br>